

## A VINGANÇA DE SANGUE NO PARZIVAL DE WOLFRAM VON ESCHENBACH \*

Nos estudos de jurisprudência do século passado, a vingança de sangue <sup>1</sup> era considerada a «primitiva forma jurídica» («*die Urform der Rechtspflege*»), representando nos estádios primordiais do desenvolvimento social, o primeiro passo do homem no longo caminho para o pleno estado de direito <sup>2</sup>. Para nós na moderna e civilizada sociedade europeia, esta «primitiva forma jurídica» poderá parecer bárbara em extremo, mas pelo facto de nela não se encontrarem arrebatamentos *desenfreados* de violência contra outrém, entende-se que não se trata de pura barbárie, mas da primeira e original forma legal de defesa, normalmente aplicada ao crime de homicídio <sup>3</sup>. Trata-se de uma teoria simples: o homicídio de um membro do

---

\* Tradução e adaptação do texto da comunicação «Überlegungen zur Blutrache im Parzival Wolframs von Eschenbach» apresentada no XIX. Internationales Mediävistisches Colloquium, Egmond-aan-Zee, Países Baixos, em Setembro de 1991.

Edições citadas: *Chrétien de Troyes. Le Roman de Perceval ou le Conte du Graal* — ed. Roach, W., 2.<sup>a</sup> ed., Paris, 1952; *La versione franco-italiana della «Bataille d'Aliscans»*; *Codex Marcianus fr. VIII (=252)* — ed. HOLTUS, G., Tübingen, 1985; *Wolfram von Eschenbach, Parzival* — ed. LACHMANN, K., 6.<sup>a</sup> ed., Berlim, 1926; *Wolfram von Eschenbach, Willehalm* — ed. SCHRÖDER, W., Berlim, 1978.

<sup>1</sup> Os dicionários Alemão-Português traduzem «Blutrache» por «vingança de morte» (cfr., entre outros, BEAU, A. — *Langenscheidts Taschenwörterbuch Deutsch — Portugiesisch*, 10.<sup>a</sup> ed., Berlim, 1966, p. 81; TOCHTROP, L. — *Dicionário Alemão-Português*, Rio de Janeiro, 1984, p. 89); porém, a componente *Blut* (sangue) na palavra *Blutrache* não se refere ao derramamento de sangue (ou seja à morte) que a vingança pode causar, mas ao dever das pessoas que são do mesmo sangue que a vítima (ou seja: do mesmo clã) de vingar o crime cometido. Já na Grécia Antiga aparecem referências a este tipo de vingança que em Português se designa por «vingança de sangue»; cfr. PEREIRA, M. H. Rocha — *Estudos de História da Cultura Clássica, Cultura Grega*, 6.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1988, I, p. 389, nota 29.

<sup>2</sup> FRAUENSTÄDT, P. — *Blutrache und Totschlagsühne im deutschen Mittelalter*, Berlim, 1881, p. 1, citando E. de Laveleye.

<sup>3</sup> Sobre a vingança de sangue cfr. BLOCH, M. - *La société féodale*, 5.<sup>a</sup> ed., Paris, 1968, pp. 186-192; FRAUENSTÄDT - *Ob. cit.*, pp. 1-5; na história do direito alemão cfr. também MITTEIS, H.; LIEBERICH, H. - *Deutsche Rechtsgeschichte. Ein Studienbuch*, 9.<sup>a</sup> ed., Munique, 1965; ZACHARIAS, R. — *Die Blutrache im deutschen Mittelalter*, «ZdA», XCI, 1961-62, pp. 167-201, *loc. cit.*: pp. 167-176.

clã só pode ser dignamente expiado pelo derramamento de sangue em algum membro da família do autor do crime; a vingança de sangue representa assim o reestabelecimento da condição de direito por meio da defesa própria <sup>4</sup>. Ainda hoje é praticada, em certas zonas isoladas da Europa (na Sicília e na Sardenha), onde é designada por *vendetta*.

Há oitocentos anos, na época em que viveu o grande poeta alemão Wolfram von Eschenbach, a prática da vingança de sangue era generalizada — pelo menos em terras germânicas <sup>5</sup>; na sociedade cortês (uma sociedade baseada na convenção cavaleiresca, mas dominada pelos grandes clãs) esta forma jurídica representava um sério problema, pois, dado que se baseava na fidelidade ao clã, a vingança de sangue poderia desencadear intermináveis conflitos entre famílias, levando à sua completa destruição. Na Idade Média alemã (e desde a época dos reis francónios) houve várias tentativas de controlar esta prática, mas talvez seja um sinal da sua vitalidade o facto de ainda em finais da Idade Média, ser reconhecida pelo estado (pelo menos implicitamente) como uma legítima forma jurídica <sup>6</sup>.

Na literatura alemã da época cortês a vingança de sangue é um elemento comum na epopeia de tradição germânica (o *Heldenepos*), desempenhando, por exemplo no *Nibelungenlied*, um papel central: o desejo de vingança de Kriemhild leva à destruição total de uma *sippe* — o clã dos Borgonheses; mas o dever para com o sangue do clã é também evidente nos Nibelungos, nos Turíngios, nos Dinamarqueses e nas personagens de Sigmund, Alberich, Gelphrat e Else <sup>7</sup>. Também no *Kudrun*, obra tardia da época cortês, a vingança de sangue representa um tema importante <sup>8</sup>. Mas embora central no *Heldenepos*, há razões para crer que a convenção poética cortês alemã não admitia esta forma jurídica nas obras literárias adaptadas do romance cortês francês. A vingança de sangue, esse elemento tão significativo da vida cortês alemã, não desempenha um papel de relevo nos

<sup>4</sup> Os antigos germanos também praticavam a vingança de sangue, mas, segundo conta Tacitus, as lutas entre famílias nem sempre levavam à violência «em cadeia»: «[...] *nec implacabiles durant: liitur enim etiam homicidium certo armentorium ac pecorum numero recipitque satisfactionem uniuersa domus* [...]» Tacitus, *Germania*, C. 21<sup>1</sup> (edição cit.: *Tacite. La Germanie* — ed. e trad. J. Perret, Paris, 1983). Por vezes o crime era sanado por indemnização, mas a aceitação desta soma — em alemão *Wergeld* — não era considerada muito honrosa (cfr. FRAUENSTÄDT — *Ob. cit.*, p. 3).

<sup>5</sup> Para exemplos factuais de vingança de sangue no período cortês, no espaço alemão, cfr. FRAUENSTÄDT — *Ob. cit.*, pp. 10-14 e ZACHARIAS — *Ob. cit.*, pp. 171-173.

<sup>6</sup> Cfr. FRAUENSTÄDT — *Ob. cit.*, p. 38.

<sup>7</sup> Cfr. SCHMIDT-WIEGAND, R. — *Kriemhilds Rache. Zu Funktion und Wertung des Rechts im «Nibelungenlied»*, in: KAMP, N.; WOLLASCH, J. (ed.) — «Tradition als historische Kraft», Berlim, 1982, pp. 372-387.

<sup>8</sup> Cfr. BECK; A. — *Die Rache als Motiv und Problem in der «Kudrun»*, in: «G.R.M.», 37, 1956, pp. 305-338.

romances dos grandes poetas cortêses — à exceção da obra de Wolfram von Eschenbach<sup>9</sup>.

Na sua obra mais tardia *Willehalm*, uma adaptação da guerreira canção de gesta *Aliscans*, em que Wolfram modifica o apelo à Guerra Santa patente na fonte, transformando-o num apelo à tolerância religiosa, a vingança de sangue é um motivo central. Na fonte *Aliscans* a vingança é também referida — mas não se trata de vingança *de sangue*: toda a luta contra os infiéis é vista como uma tentativa de vingar a morte de Cristo naqueles que Lhe fizeram mal (cfr. *Aliscans*, v. 1185)<sup>10</sup>. Na sua versão, Wolfram introduz o tema da vingança de sangue para poder encontrar uma razão *plausível* para a morte de cristãos e de infiéis. Neste poema Wolfram (cujo pensamento é dominado pela importância da família)<sup>11</sup> construiu — no lado cristão, como no lado pagão — um sistema complexo de relações familiares, que possibilita modificar aquilo que é na fonte uma cega carnificina numa «simetria de actos de vingança de sangue»<sup>12</sup>. Assim a luta entre fiéis e infiéis tem agora uma motivação que Wolfram e o seu público facilmente aceitam; da Guerra Santa, Wolfram fez também uma guerra entre clãs.

É evidente então que a vingança de sangue é um factor importante na adaptação desta canção de gesta e mostra em que medida Wolfram modifica a sua matéria da fonte para poder ir ao encontro do público alemão: mas talvez seja ainda mais significativo que Wolfram inclua esta prática jurídica no mundo perfeito do romance adaptado de *Li Contes del Graal* de Chrétien — o *Parzival*, assim contrariando a acima referida prática da poética cortês alemã. Mas no *Parzival* a vingança de sangue só é permitida dentro dos parâmetros da convenção cavaleiresca, e mesmo assim introduzida de maneira muito diferenciada: fora do reino do Graal aparece com uma relativa frequência — há tentativas de vingar a morte de Isenhart, Kingrisin, Cidegast e Irot —, mas em Munsalvæsche é prática aparentemente proibida.

<sup>9</sup> Cfr. BUMKE, J. — *Die Wolfram von Eschenbach-Forschung seit 1945*, Berlim, 1970, p. 274.

<sup>10</sup> Nas palavras de Bernardo de Clairvaux, que fala do homicídio de infiéis por cavaleiros cristãos: «*Dei etenim minister est ad vindictam malefactorum, laudem vero bonorum*» (cit. em WENTZLAFF-EGGEBERT, F. W. — *Kreuzzugsdichtung des Mittelalters*, Berlim, 1960, p. 23).

<sup>11</sup> Cfr. SCHMID, E. — *Familiengeschichten und Heilsmythologie*, Tübingen, 1985, p. 254.

<sup>12</sup> A título de exemplo veja-se como Wolfram constói uma simetria no desenrolar da primeira batalha: Willehalm mata Pinel (o sobrinho de um sobrinho de Arofel e Terramer); em consequência Terramer mata Myle (o sobrinho de Willehalm). Em seguida o outro sobrinho de Willehalm, Vivianz, mata Lilibun (um sobrinho de Arofel e Terramer) e em seguida Halzebier — outro sobrinho de Arofel e Terramer — provoca a morte de Vivianz. Depois da batalha Willehalm mata o indefeso Arofel, imediatamente após ter evocado a memória de Vivianz (cfr. *Willehalm*, 81, 17ff.): como o narrador faz notar *sus rach widr rache wart gegeben* (305, 30).

O pecado do rei do Graal Anfortas está associado a um desejo de vingança. Anfortas presta o serviço de amor à orgulhosa Orgeluse: ela espera que ele possa assim vingar a morte do seu marido — Cidegast — no assassino deste, Gramoflanz (cfr. *Parzival*, 617, 3). O fracasso de Anfortas e o facto de o seu futuro redentor — Parzival — mais tarde recusar o amor de Orgeluse (cfr. 619, 2ff.), mostra até que ponto um tal amor seria inoportuno para um rei do Graal, e ainda que no mundo do Graal, cujos cavaleiros deveriam ter um ideal mais espiritualizado, uma tal vingança estaria deslocada.

É sabido que o romance *Parzival* trata de cavaleiros e de aventuras: a cavalaria — mesmo a do rei Artus — depende, em última análise, de um elemento extremamente problemático porque potencialmente trágico — a violência; mesmo que Wolfram tivesse tentado evitar o homicídio, não conseguiria impedir que alguns cavaleiros morressem no desenrolar da acção do seu poema. A morte do cavaleiro em torneio é um elemento constante no mundo do romance arturiano; mas, se o motivo da vingança de sangue for introduzido neste mundo, então há o perigo de a morte de um cavaleiro poder desencadear uma interminável cadeia de mortes. No *Parzival* Wolfram poderia ter evitado esse problema, não incluindo esse motivo, mas não queria afastar-se em demasiado da realidade da vida cortês: representar o homicídio de um cavaleiro, sem o desejo do clã de vingar aquela morte não seria uma imagem fiel. O mundo cortês deste romance seria, sem a vingança de sangue, demasiado afastado da realidade.

Mas esse motivo também parece ter sido importante para Wolfram, porque o desejo de vingar uma morte, é um sinal de *triuwe* — a virtude cardinal de Wolfram — em relação ao cavaleiro assassinado<sup>13</sup>. A passividade por parte dos familiares de um cavaleiro após a sua morte seria, sem dúvida, uma falta séria, porque constituiria um sinal de *untriuwe* para com este.

Para Wolfram os parentes de um cavaleiro morto na luta têm que lhe guardar a *triuwe*: isto pode suceder de várias maneiras, dado que a morte das principais personagens masculinas deste romance não leva à vingança de sangue. Pela morte no oriente do cavaleiro andante Gahmuret, ou pelo homicídio de Ither não se exerce vingança. Seria difícil vingar a morte de Gahmuret, dado que a sua mulher — Herzeloyde —, que pertence à família do Graal, não quer que a falta do marido leve a mais perdas humanas: pelo contrário, ela quer distanciar-se das convenções cavaleirescas. Mostra a sua *triuwe* para com Gahmuret através da sua reacção, dado que a notícia da

<sup>13</sup> O conceito wolframiano de *triuwe* não é de fácil compreensão; a palavra equivalente em n.a.a. *Treue* («fidelidade») não engloba a totalidade deste conceito. SCHMID, E. — *Studien zum Problem der epischen Totalität in Wolframs «Parzival»*, Erlangen, 1976, p. 186 opina que «*triuwe*» é «ein ästhetisches Mysterium, das die Versöhnung von Gott und Ritterwelt, wie sie der Schluß affirmiert, mitkonstruiert», DE BOOR, H. — *Die höfische Literatur*, 9.<sup>a</sup> ed., Munique, 1974, p. 108 sugere como tradução do termo *Hingabe* «dedicação; entrega».

morte do marido quase a mata (109, 6); após o nascimento de Parzival ela retira-se do mundo cortês e tenta proteger o seu filho de um idêntico destino trágico.

Depois do homicídio de Ither pelo seu sobrinho Parzival, também não há nenhuma tentativa para vingar a morte. Seria extramente problemático vingar a morte de Ither, dado que foi assassinado por um membro da sua *sippe*, e nas obras de Wolfram a vingança nunca pode ser praticada dentro das famílias <sup>14</sup>: como se fará notar em seguida a simples constatação de uma relação familiar entre aquele que vinga um homicídio e o assassino é motivo suficiente para parar com as hostilidades. Mas o homicídio de Ither vai ser expiado de outra maneira — e muito mais tarde: no nono livro, Trevrizent explica a Parzival como Ither era seu tio (475, 21f.) e como ao assassinar Ither, Parzival cometeu um pecado muito grande. Na matéria da fonte não se faz nenhuma censura a Perceval por ter assassinado o cavaleiro vermelho (cfr. *Perceval*, 1243f.), mas na versão de Wolfram, Parzival tem de penitenciar o seu pecado: através da expiação deste pecado, um dos mais graves que cometeu, Parzival mostra a sua *triuwe* para com Ither.

No *Parzival* a vingança representa somente uma das alternativas através das quais os membros da família podem mostrar *triuwe* ao cavaleiro assassinado. A base teórica para a prática da vingança de sangue é anunciada pelo velho e sábio cavaleiro Gurnemanz. É ele que explica a Parzival como o bom cavaleiro arturiano tem que se comportar, e entre outros aspectos ele diz a Parzival o que ele tem que fazer, caso vença outro cavaleiro numa batalha singular:

*an swem ir strites sicherheit  
bezalt, ern hab iu sölhiu leit  
getân diu herzen kumber wesn,  
die nemt, und lâzet in genesn (Parzival, 171, 27)*

Segundo esta concepção cavaleiresca a protecção do vencido é a obrigação do vencedor, excepto quando o rendido tenha causado ao vencedor *herzen kumber* que não poderá ser perdoada <sup>15</sup>. A morte por vingança é então

<sup>14</sup> Cfr. DELABAR, W. — *Erkanntiu sippe unt hoch geselleschaft. Studien zur Funktion des Verwandtschaftsverbandes [sic] in Wolframs von Eschenbach «Parzival»*, Göppingen, 1990, pp. 133-141, que constata, que há um «Kampf- und Tötungsverbot» dentro dos clãs. Na epopeia de tradição germânica não se verifica este facto: no fragmentário *Nibelungenlied* Gunther instiga o homicídio do seu cunhado Siegfried e Kriemhilt manda matar os próprios irmãos para vingar a morte do marido. No fragmentário *Hildebrandslied*, cujo primeiro registo escrito data de 820, Hildebrand vê-se forçado — por uma questão de honra — a matar o seu próprio filho Hadubrand.

<sup>15</sup> Cfr. MAURER, F. — *Leid. Studien zur Bedeutungs- und Problemgeschichte, besonders in den großen Epen der staufischen Zeit*, Berna, 1951, p. 183. GREEN, D. — *Homicide and «Parzival»*, in: GREEN, D.; JOHNSON, L. P. — *Approaches to Wolfram von*

teoricamente justificada depois da batalha singular, mas isto não quer dizer que a vingança de sangue possa de facto desempenhar um papel neste romance arturiano. Porque, se praticada de maneira consequente, a vingança de sangue leva à carnificina: a carnificina pode ser um elemento da epopeia de tradição germânica, mas não se ajusta a um romance arturiano. Para determinar como Wolfram resolve este problema, será necessário analisar os diversos casos de potencial vingança de sangue no *Parzival*.

A primeira aventura deste poema é dominada pelo desejo de vingança: na cidade de Patelamunt, na terra de Zazamanc, Gahmuret luta contra príncipes cristãos pelo serviço da pagã Belakane. O narrador explica que chegou a este conflito porque o cavaleiro cristão Isenhart tinha morrido a serviço de Belakane (16, 6); ela não lhe consentiu o amor e, como ela própria depois conta a Gahmuret (27,11-28,5) Isenhart foi morto pelo vassalo pagão Prothizilas, depois de, numa tentativa desesperada para ganhar o amor — a *minne* — de Belakane, ter lutado sem armadura. A esta morte a família de Isenhart reage:

*Den râchen sine mâge  
offenliche und an der lâge,  
die frouwen twungen sie mit her, (16, 11-13)*

É um desejo de vingar a morte de Isenhart — aqui praticado pelo seu sobrinho materno — que leva a sua família a lutar contra Belakane. A maneira como a *sippe* quer de facto vingar esta morte na pagã Belakane não chega a ser especificada — e neste poema de Wolfram não precisa de o ser, porque é claro que a tentativa de vingança é suspensa depois de Gahmuret ter entrado no conflito. Por um lado porque Gahmuret vence os sitiadores de Patelamunt; mas por outro lado porque Gahmuret é da mesma família que Kaylet e Vridebant (cfr. 39,11-14;40,12-15). Dado que Gahmuret é — por causa da *minne* — o defensor de Belakane, e dado que tem uma relação familiar com Kaylet, a vingança é abandonada por Vridebant. A constatação de uma relação de parentesco é suficiente para terminar uma luta entre cavaleiros<sup>16</sup>: dentro de uma *sippe* não pode haver nenhum caso de vingança.

No fim do primeiro livro, depois de o cavaleiro andante Gahmuret já ter abandonado Belakane, ele vê, do seu barco que viaja para o Ocidente, um

---

*Eschenbach. Five Essays*, Frankfurt, 1978, pp. 11-74, *loc. cit.*: p. 73, não repara na doutrina de Gurnemanz ao afirmar que a cavalaria arturiana está sempre disposta «to spare a defeated foe». De facto no *Parzival* nenhuma adversário vencido é morto por um cavaleiro arturiano: mas teoricamente é-lhe permitido recusar a fiança do vencido, caso ele lhe tenha causado *herzen kumber*.

<sup>16</sup> Cfr. GREEN, D. — *The Art of Recognition in Wolfram's «Parzival»*, Cambridge, 1982, p. 51. Cfr. também DELABAR — *Ob. cit.*, pp. 142-153.

## VINGANÇA NO PARZIVAL

outro que navega em direcção a Zazamanc; a bordo estão os mensageiros de Vridebant. Este faz um pedido a Belakane:

*er bat si daz se ûf in verkûr,  
swer den mag durch si verlûr,  
daz si von im gesuochet was. (58, 9-11)*

O desejo de vingar a morte de Isenhart transformou-se num pedido de reconciliação. O facto de Gahmuret já ter deixado Belakane não é significativo, dado que o conflito — como mostra esta mensagem a Belakane — já foi resolvido.

Assim, nos primeiros livros, a vingança é abandonada desta maneira simples. Mas os livros que tratam de Gahmuret descrevem um mundo exótico, caracterizado pelo glorioso passado da cavalaria andante. O ambiente que rodeia o herói do Graal Parzival é muito mais sério: será que também aí a vingança pode ser resolvida tão facilmente?

No princípio da sua carreira, na cena do seu primeiro encontro com Sigune, Parzival, ainda no estado de *tumpheit*, promete a vingança de um homicídio à sua prima. No início deste episódio, ele tinha visto Sigune, que trazia luto por Schionatulander, e tinha-se oferecido para seguir o assassino para lutar contra ele (139, 8). Mas em seguida ouve como ele e Sigune pertencem à mesma família (140, 22), como Schionatulander tinha defendido as terras de Parzival (141, 2f.) e como Schionatulander — tal como Galoes, o tio de Parzival — tinha sido morto por Orilus (141, 8f.). Depois de ter ouvido isto, Parzival diz:

*niftel, mir ist leit  
din kumber und mîn laster breit,  
swenne ich daz mac gerechen,  
daz wil ich gerne zehen. (141, 25-28)*

O desejo de lutar contra Orilus é modificado numa promessa de — se possível — vingar o *kumber* (a dor) de Sigune. Se compararmos o texto alemão com o texto da fonte vemos que Wolfram operou neste passo várias modificações: na obra de Chrétien Perceval quer somente *procurar* o assassino do amigo da prima; este não morreu como defensor da herança de Perceval (*Perceval*, 3634ff.); na obra de Wolfram a oferta de Parzival assume o significado de uma vingança de clã<sup>17</sup>.

Wolfram não especifica como Parzival tencionava vingar esta dor da sua prima: não está explicitamente afirmado que Parzival tivesse matado

---

<sup>17</sup> MERGELL, B. — *Wolfram von Eschenbach und seine französischen Quellen. Teil II: Wolframs «Parzival»*, Münster, 1943, p. 147, nota 52.

Orilus. Mas visto que Parzival depois mata Ither, podemos bem imaginar o que Parzival teria feito se tivesse vencido uma batalha singular contra Orilus. Para o jovem — e *tumb* — Parzival é lógico que o dever de um membro do clã é vingar as mortes de Schionatulander e de Galoes no seu assassino — Orilus.

Mas, como sabemos, o *kumber* de Sigune não é vingado através da morte de Orilus. Sigune, que, como Herzeloide, pertence à família do Graal, aparentemente não quer a vingança: ela dá testemunho da sua *triuwe* para com Schionatulander através do seu pranto — o luto irá até causar a sua morte. Mas Parzival fez uma promessa a Sigune — sua prima pelo lado materno: ele mostraria *untriuwe* a Schionatulander — e a toda a *sippe* — se não cumprisse o seu dever — ou pelo menos não tentasse cumpri-lo. Mais tarde — depois de superar a sua *tumpheit* e após o segundo encontro com Sigune — Parzival lutará com Orilus e estará assim de facto na posição de poder vingar o *kumber* de Sigune. Para que tal não suceda Wolfram tem de operar uma modificação muito significativa em relação à matéria da fonte. No *Perceval*, o herói sabe que está a combater contra o cavaleiro *li Orgueilleus de la Lande* (cf. *Perceval*, 3817); Wolfram encena esta luta de maneira que Parzival não possa saber o nome do seu adversário: Parzival luta com Orilus não por vingança, mas por causa de Jeschute. Através deste processo de ignorância da personagem Parzival, Wolfram faz com que o resultado da batalha singular entre Parzival e o inimigo da família não seja homicídio por vingança de sangue, mas o desejo de Parzival, que Orilus volte a honrar a sua mulher Jeschute (cfr. *Parzival*, 266, 8f). Assim, Parzival consegue resolver o conflito insolúvel de vingar a morte de Schionatulander no irmão de Cunneware e no marido de Jeschute ferindo desse modo estas duas damas<sup>18</sup>. Wolfram evita o perigo desta situação através da ignorância de Parzival, tornando assim uma potencial vingança de sangue num fim que melhor se ajusta a este género literário; como conclui o próprio Orilus: *ich hân schumpfentiure gedolt, I diu mir freude hât erholt* (270, 27f.).

A maneira como a oferta de vingar uma morte é feita para depois não ser realizada é paradigmática da prática da vingança de sangue no *Parzival*. *swenne ich daz mac gerechen* diz Parzival — se eu o puder vingar: embora haja teoricamente esta forma de administração jurídica no *Parzival*, de facto nunca pode ser executada. Aparentemente Wolfram estava convencido da importância — e provavelmente até da justiça — desta forma jurídica, mas não foi capaz de deixar que a vingança de sangue se convertesse numa forma *realizada* neste mundo perfeito do romance cortês. É notável que sempre que este motivo é introduzido na história, Wolfram resolve-o — sempre de

<sup>18</sup> EICHHOLZ, B. — *Kommentar zur Sigune- und Itherszene von Wolframs «Parzival»* (138, 9-161, 8), Estugarda, 1987, p. 61.



maneira mais complexa — mas pacificamente. A vingança de sangue só pode desempenhar um papel no *Parzival* se não for realizada, caso contrário, perturbaria — ou até destruiria — o frágil equilíbrio social do mundo arturiano.

Parece que o próprio futuro herói do Graal reconhece que a vingança de sangue representa um perigo para esta sociedade. Depois de ter defendido Condwiramurs em Pelrapeire, e de ter vencido Kingrun e Clamide, Parzival quer obrigar os seus adversários a entregar as suas fianças a Gurnemanz. No caso de Clamide, Parzival exige isso depois de ter pensado no já referido conselho do velho e sábio cavaleiro (cfr. 213, 30-214, 2). Clamide não quer entregar a sua fiança a Gurnemanz e reage com pavor à exigência de Parzival:

*nein, hêr, dem hân ich herzeleit  
getân, ich sluog im sînen suon (214, 8-9)*

Com Kingrun haveria problemas idênticos (cfr. 198, 5-6): Parzival vence então dois cavaleiros, que mataram um filho de Gurnemanz, e quer obrigá-los a entregar as suas fianças ao seu mestre, ao qual na despedida Parzival tinha prometido *mag ich iu jâmer denne entsagen. / des lâz ich iuch sô vil niht tragen (179, 5f.)*. Segundo a doutrina de cavalaria formulada por Gurnemanz, o pai do assassinado não era obrigado a aceitar a fiança dos assassinos: podia tê-los matado por vingança. É evidente que é este o destino que Clamide e Kingrun esperam ter com Gurnemanz. Mas, para evitar que Gurnemanz vingue a morte do seu filho em Clamide e Kingrun, Parzival não os manda a Gurnemanz, mas a Cunneware — a irmã dos seus inimigos Lâhelin e Orilus. De novo a prática de vingança de sangue é evitada; o futuro casamento — e a futura felicidade — de Cunneware e de Clamide ficam assegurados. No entanto não fica claro se Parzival mostrou *untriuwe* em relação a Gurnemanz: devemos talvez pensar que a tentativa de Parzival de mandar Clamide e Kingrun a Gurnemanz é, por si só, um sinal de *triuwe* para com o seu mestre?

Em que medida Wolfram estava disposto a encaixar o motivo da vingança de sangue na acção do seu poema, para depois o desfazer — ou até resolver — mostram-nos os casos da prática desta forma jurídica na acção do herói arturiano Gawan. Nos livros dedicados a Gawan a vingança de sangue desempenha um papel central: o conflito de Gawan com Kingrimursel e Vergulaht, bem como a luta com Gramoflanz estão dominados pelo desejo de vingança destes cavaleiros. Kingrimursel e Vergulaht querem vingar o homicídio de Kingrisin em Gawan — Gramoflanz quer vingar o homicídio do seu pai Irot; há ainda o anseio de Orgeluse de vingar a morte do marido no assassino Gramoflanz. Se houver alguém no *Parzival* que pode ser

confrontado com tais problemas — e que pode dominá-los — esse alguém é o maduro cavaleiro arturiano Gawan, que impõe — de maneira arbitrária — a ordem onde quer que chegue <sup>19</sup>.

Na corte do rei Artus, Gawan é acusado de ter assassinado Kingrisin e o sobrinho deste — Kingrimursel — convoca-o para a batalha judicial em Schampfunzun (321, 21f). Gawan terá assassinado Kingrisin no acto de saudação; trata-se de uma traição (321, 11f) — e isto corresponde à fonte, na qual Gauvain é acusado de *traïson* (*Perceval*, 4763). Mas na versão de Wolfram, Kingrimursel explica como a morte de Kingrisin o levou a desafiar Gawan:

*er was min hêrre und mîn mâc,  
durch den ich hebe disen bâc,  
unser vâtr gebuoder hiezen,  
die nihts ein ander liezen. (Parvizal, 324, 11-14)*

Na versão de Wolfram o motivo do desafio é especificado: Kingrimursel encara a vingança da morte de Kingrisin como o seu dever para com a *sippe*. Na versão de Chrétien não há tal referência <sup>20</sup>.

Depois de Gawan ter chegado a Schampfuzun, de ter estado como desconhecido com Antikonie, e de ter sido acusado, por um velho cavaleiro de ter violado Antikonie, e depois de finalmente ter sido atacado, de modo pouco cavaleiresco, por Vergulaht, até Kingrimursel — o vingador propriamente dito — tem de defender Gawan dado que lhe tinha prometido um salvo-conduto até à batalha judicial (cfr. 324, 25-28 e 411, 10f). Como resultado do desprezo da convenção cavaleiresca a batalha judicial é adiada por um ano (418, 10). Sob proposta de Liddamus, Gawan será absolvido da acusação do homicídio, caso aceite a tarefa que Parzival tinha entregue a Vergulaht — a demanda do Graal (425, 23-30) <sup>21</sup>.

O facto de Gawan ser inocente do homicídio de Kingrisin e de ter que provar a sua inocência, não parece de importância no oitavo livro. Neste, Wolfram mostra a vingança de sangue como uma consequência de um homicídio, porque como afirma Liddamus *suo gelt ein tôt den andern tôt*

<sup>19</sup> MOHR, W. — *Parzival und Gawan*, in: «Euph.», 52, 1958, pp. 1-22; *loc. cit.*: p. 18.

<sup>20</sup> MOHR, W. — *Landgraf Kingrimursel. Zum achten Buch von Wolframs «Parzival»*, in: «Philologia Deutsch (Festschrift W. Henzen)», Berna, 1965, pp. 21-38, *loc. cit.*: pp. 23-28, mostra quais são as modificações operadas por Wolfram em relação à fonte, e constata que «Wolfram ab der Mitte des VIII. Buches [...] in der Handlungsführung von Chrestien abweicht»; cfr. também JOHNSON, S. M. — *Parzival and Gawan: Their Conflict of Duties*, in: «Wolfram-Studien», 1, 1970, pp. 98-116, *loc. cit.*: p. 104, nota 11.

<sup>21</sup> Cfr. BRALL, H. — *Gralsuche und Adelsheil. Studien zu Wolframs «Parzival»*, Heidelberg, 1984, p. 294.

(417, 7). Mas, no mundo arturiano a prática da vingança de sangue tem — a todo o custo — que ser evitada. Kingrimursel fala aqui da vingança que foi praticada nos Nibelungos por causa de Siegfried (421, 5-10). Potencialmente há aqui também o perigo de que a vingança possa levar à ruína de todos: o motivo da vingança é de facto acentuado neste passo, mas Wolfram parece também querer sublinhar os perigos desta forma jurídica.

Um ano mais tarde — e já no décimo livro — a inocência de Gawan, mas sobretudo a relação de parentesco (Gawan e Vergulahrt são da mesma família) são decisivas na suspensão desta tentativa de vingança<sup>22</sup>; como refere o narrador: *dô nam diu werlt ir sippe war, / und schiet den kampf ir sippe mah!* (503, 14). O desejo de vingar o homicídio de um familiar pode ser um sinal de *triuwe* para com a *sippe*; mas, no *Parzival* — como já se viu no caso da vingança da morte de Isenhart — não pode ser praticada dentro de um clã.

Assim, através de uma acção muito complexa, uma vingança de sangue é modificada numa demanda do Graal: mas é claro que o telos de Gawan não se encontra no domínio do Graal. Para chegar ao seu telos e ser rei de Schastel Marveil e marido da rainha arturiana Orgeluse, Gawan não precisa de ir a Munsalvaesche para fazer a pergunta de compaixão: Gawan realiza o seu objectivo na vida *mostrando* a sua compaixão, resolvendo vários problemas — uma das suas tarefas mais importantes é impedir as vinganças de Orgeluse e de Gramoflanz, que — caso não fossem controladas — poderiam levar a uma catástrofe.

Quando Gawan começa a solicitar o amor da duquesa, não sabemos porque motivo Orgeluse considera o seu serviço de cavaleiro com tanto desprezo: Wolfram avisa o seu público para não se precipitar a tirar conclusões, dado que o humor cínico desta dama tem uma boa justificação (516, 5-8). Como se saberá mais tarde ela passou por experiências difíceis: foi vítima de um sequestro (*Brautraub*) e quer-se vingar no raptor — que também matou o seu marido Cidegast (606, 6-11). Na fonte francesa não se dá este caso, porque *la Orgueilleuse* está de luto por causa do seu *amigo* morto — não o marido —, e o motivo do seu comportamento pouco cortês não é — como na versão de Wolfram — encontrar um vingador, mas provocar os cavaleiros para que a matem (cfr. *Perceval*, 8927-8959).

---

<sup>22</sup> BRALL, H. — *Familie und Hofgesellschaft in Wolframs «Parzival»*, in: «Höfische Literatur, Hofgesellschaft, Höfische Lebensformen um 1200», ed. KAISER, G.; MÜLLER, J. D. — Bielefeld, 1986, pp. 541-583, afirma que Orgeluse vive «fortan wie eine zweite Kriemhilt nur noch ihrer Rache» (p. 575), mas é injusto para com a futura rainha arturiana, quando argumenta: «Orgeluse ist nicht als psychologische Charakterstudie angelegt» (p. 547). Embora a figura de Orgeluse possa ser entendida como «Spiegelbild gesellschaftlicher Zustände und herrschender Regeln» (p. 574), o desejo de Orgeluse — bem como o de Kriemhild — de vingar a morte do marido, é compreensível do ponto de vista psicológico.

Neste caso, Wolfram inclui o motivo da vingança de sangue na acção, porque, como Kriemhild no *Nibelungenlied*<sup>23</sup>, Orgeluse quer vingar a morte do marido no seu assassino. Gawan cai — sem pressentimento — numa armadilha de vingança: no princípio não sabe nada das pretensões de Orgeluse; Gramoflanz, o assassino de Cidegast, também quer vingar uma morte, a do seu pai, a quem o pai de Gawan — Lot — teria assassinado insidiosamente; como Lot já morreu, esta vingança tem de ser praticada no seu filho Gawan.

Só fica claro que a vingança ameaça Gawan por dois lados, depois de ele ter realizado o pedido de Orgeluse: ir buscar a coroa pendurada no jardim de Gramoflanz. Ali Gawan encontra o rei desarmado, que lhe explica porque Orgeluse o odeia tanto; o serviço *de amor* de Gawan desmascara-se como serviço *de vingança*. Mas para já Gawan não fala de vingança: aparentemente Gawan estaria disposto a satisfazer de outra maneira o desejo de retaliação de Orgeluse. Na conversa entre Gawan e Gramoflanz surge com uma luz ténue de esperança quando Gramoflanz fala do seu amor pela irmã de Gawan — Itonje (*Parzival*, 606, 7-12). Já sabemos que Itonje ama Gramoflanz (cfr. 586, 22-25): quando Gawan se oferece para levar um anel a Itonje como sinal do amor de Gramoflanz, parece que uma reconciliação se aproxima. Mas as aparências enganam, porque Gramoflanz assegura que não odeia ninguém mais do que o filho do suposto assassino do seu pai — Gawan. Este não tem outra escolha e tem de admitir a Gramoflanz:

*hêrre, ich heize Gâwân,  
swaz iu mîn vater hât getân,  
daz rechet an mîr... (609, 21-23)*

Gawan tem agora de lutar com Gramoflanz por dois motivos. Por um lado por Orgeluse — para vingar a morte do marido desta; e por outro lado porque Gramoflanz quer vingar a morte do pai, nele. A situação é de facto extremamente complicada, porque se Gawan matasse Gramoflanz ele limpava o nome do pai — e assim de toda a *sippe* —, mas também magoava um outro membro da *sippe* — sua irmã Itonje.

No fim do 12.<sup>o</sup> livro poderá parecer que Gawan está irremediavelmente envolvido nos projectos de vingança de Orgeluse e de Gramoflanz, mas no romance arturiano *Parzival* as aventuras de Gawan não podem acabar em vinganças; pelo contrário — e para ser fiel a este género literário — deveriam ser concluídas com uma festa de reconciliação. Na última parte da

---

<sup>23</sup> SCHMID — *Familiengeschichten...*, nota sobre a relação entre Gramoflanz e Itonje: «Dab sie einander lieben, ihre Ehe eine Sippenfehde außer Kraft setzten wird [...], konnte sehr wohl die gesellschaftliche Indikation symbolisieren, welche in der Allianz mit dem Feind die nächstliegende Maßnahme zur Konsolidierung der Ordnung sieh» (p. 194).

acção de Gawan — nos livros 13 e 14 — depois da chegada dos actores mais importantes ao palco arturiano, apesar da trama complexa, apesar de malentendidos e lutas supérfluas e depois de adiamentos sucessivos da batalha judicial, a tragédia é desviada; o problema aparentemente insolúvel da vingança de sangue é neste domínio sanado pelo poder da *minne* secular. Gramoflanz — e Orgeluse — aprendem que a *minne* pode vencer o desejo de vingança, para assim juntar os membros outrora inimizados de clãs diferentes.

Através de Itonje e dos chefes dos dois clãs — os reis Artus e Brandelidelin — combina-se que Itonje levará Gramoflanz a desistir da batalha judicial (cfr. 727, 1-6; 728, 13-27), e que Gawan irá trazer Orgeluse para se reconciliar com Gramoflanz (cfr. 727, 7f. e 728, 5-7). É o amor — um elemento de estabilidade social porque leva ao casamento — que leva Gramoflanz a desistir do seu desejo de vingar a morte do pai no filho do suposto assassino (cfr. 729, 25f.). Orgeluse e Gramoflanz reconciliam-se com um beijo, dado publica e festivamente (729, 15-24). No fim da acção de Gawan uma Kriemhild em potência, cuja vida era dedicada à vingança, torna-se — através do amor — numa rainha arturiana, disposta a perdoar ao assassino do seu marido.

No seu romance cortês *Parzival* Wolfram concedeu claramente um lugar à vingança de sangue; esta «primitiva forma jurídica» não desempenha o mesmo papel central que tem no *Willehalm*: estes dois poemas — *Parzival* e *Willehalm* descrevem mundos diferentes. Mas o poeta do *Willehalm* também é o poeta do *Parzival* e certos valores caros a Wolfram e à sua sociedade, aparecem nas duas obras. Na épica guerreira *Willehalm*, onde predominam a vingança e a *mort*, o amor cortês desempenha um papel relevante, e no romance arturiano e graaliano *Parzival*, onde o tema do amor é tão decisivo, a vingança de sangue também pode aparecer. Parece que para Wolfram se trata de uma evidência o facto de que neste mundo a vingança de sangue pode surgir. Por um lado porque no seu *Parzival* Wolfram não queria distanciar-se demasiado da realidade da vida cortês, e por outro lado, porque através do desejo de praticar a vingança, o clã pode prestar *triuwe* a um membro da família que foi assassinado.

Mas a introdução e a acentuação deste motivo levantou problemas a Wolfram, porque o desejo de praticar a vingança de sangue não pode, no mundo perfeito do romance arturiano, levar ao derramamento de sangue. Wolfram tinha de encenar sempre a vingança de tal modo que nunca pudesse levar à morte daquele que fosse ameaçado de vingança. Embora Wolfram deixe o seu herói Parzival fazer uma oferta de vingança, esta é *condicional* — *swenne ich daz mac gerechen* diz Parzival. Se Parzival *pudesse* vingar o *kumber* da sua prima, então tê-lo-ia feito, só que teria sido num outro género

literário, e não neste romance arturiano. Wolfram não ignora que não pode permitir ao seu herói do Graal, a execução desta vingança, da mesma forma que ele tem de negar a Kingrimursel e a Gramoflanz esta forma jurídica.

Na cura da «doença de vingança» de Gramóflanz e de Orgeluse, podemos ver como Wolfram tentou encontrar uma solução para o problema de vingança de sangue no domínio arturiano. No *Parzival* a *sippe maht* — o poder do clã — pode ser muito importante, resolvendo os conflitos dentro das famílias, mas nas contendas entre clãs diferentes, o melhor antídoto contra a vingança de sangue é a *minne*. É a *minne* a Gawan que vai ajudar a futura rainha arturiana Orgeluse a neutralizar o seu anseio de vingança, e também é o amor que possibilita a Itonje e a Gramoflanz juntar clãs outrora inimizados. A *triuwe* para com a *sippe* representa um dos fundamentos da ordem social no *Parzival*, mas pode levar à vingança de sangue, que é tão perigosa para a estabilidade dessa mesma ordem. No *Parzival* só o amor — que assegura o equilíbrio social, que é baseado na *triuwe* altruísta e que agrada a Deus — pode superar o perigo da vingança de sangue neste mundo, quebrando assim aquilo que no ambiente trágico da epopeia de tradição germânica é uma cadeia incontrolável de actos de sangue.

*John Greenfield*